

A PRIMEIRA TENTAÇÃO DE CRISTO: UMA ANÁLISE DOS LIMITES FRONTEIRIÇOS ENTRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.

Renan da Silva Grassi ¹

Gutemberg Alves Geraldes Junior ²

RESUMO: este presente artigo tem como objetivo responder à pergunta: quais os limites fronteiriços entre a liberdade de expressão e a intolerância religiosa, baseados no filme do Porta dos Fundos “A primeira tentação de Cristo”, originalmente veiculado na plataforma de *streaming*, Netflix. Dentre os autores da fundamentação, a base está nas teses de Foucault sobre o discurso e comportamentos da sociedade. A pesquisa sobretudo é de natureza básica e possui abordagem qualitativa e descritiva, e aborda as visões que o objeto de fato pode transmitir sobre os olhares do expectador. Entre humor, liberdade e religião, temos linhas tênues de separação e conceitos que ora abordados, clareiam a visão do leitor sobre a sua opinião precisa em relação ao objeto estudado. É perceptível baseado na natureza humana que não existe uma verdade absoluta, mas vários conceitos da verdade promovem divergência entre as opiniões. Com base em tais afirmações, a pesquisa promove uma espécie de reflexão e estudo, mas com resultados que nos induzem a busca por soluções maiores e mais precisas, mostrando que a conclusão é extremamente individualista e pessoal de cada expectador do objeto abordado neste artigo. Diante de alguns conceitos abordados, a pesquisa serve para dar ainda mais clareza as opiniões e visões já existentes sobre o objeto, mostrando ao leitor que é possível mudar de opinião ou sustentar ainda mais as que porventura já se fazem existentes. Toda a pesquisa possui um distanciamento do pesquisador com o objeto para que eventuais opiniões não interfiram no resultado final apresentado aos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Humor; Liberdade; Intolerância.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a liberdade de expressão cresce na sociedade e com ela avançam também suas oponentes, como a intolerância religiosa. E descobrir o teor de um discurso não parece uma tarefa fácil, entender muitas vezes o que um conteúdo quer realmente passar como mensagem e informação parece não é tão

¹ Graduando em Publicidade e Propaganda. Email: orenangrassi@gmail.com

² Professor(a) Doutor Gutemberg Alves Geraldes Junior. Email: gutemberg.geraldes@satc.edu.br

simples quanto se imagina. É preciso muito mais que simples olhares e percepções para descobrir qual sentido uma mensagem quer transmitir. Diante disso estudaremos um paralelo entre a liberdade de expressão e a intolerância religiosa e quais se fazem mais presentes dentro de um filme produzido pela produtora de filmes, Porta dos Fundos.

Quais os limites fronteiriços entre a liberdade de expressão e a intolerância religiosa no filme “A primeira tentação de Cristo?”. Esta é a pergunta que deve ser respondida neste artigo, baseado em um estudo de caso sobre o filme da produtora Porta dos Fundos na plataforma de *streaming Netflix*.

A função desta pesquisa é descobrir para qual lado pende os discursos promovidos pelo filme e entender na atualidade que teores de discursos temos promovido na sociedade. Será que temos nos expressado de forma correta? Será que temos sido tolerantes ou intolerantes? Respeitosos ou preconceituosos? São perguntas como estas que levam este pesquisador a dedicar uma atenção especial sobre a pergunta-problema desta pesquisa.

Entender sobre intolerância religiosa, conhecer mais sobre liberdade de expressão e fazer um paralelo entre um e outro para avaliar nossos pensamentos e posicionamentos, instigado pelo autor que já possui uma visão de mundo formada, assim também, levar tal pesquisa tornar-se fundamental para a sociedade pois carrega consigo elementos que abrangem conhecimento e provocam no leitor o desejo de entender onde ele está posicionado e se é preciso mudar algo em sua forma de discursar e opinar sobre fatos, acontecimentos ou pessoas.

Para o mercado de trabalho de igual forma, marcas precisam reconhecer erros e acertos e entender se estão conseguindo se comunicar com seu público alvo, ou seja, a grande massa, sem agredir minorias ou grupos seletivos. Saber manter o respeito e a cordialidade para não errar, e ser “cancelada”. Manter um posicionamento correto é fundamental para o crescimento e desenvolvimento de uma empresa, não importa o seu segmento. As vezes a atenção é necessária para evitar erros grotescos e continuar mantendo uma comunicação saudável e estável.

Dessa forma, foram elencados alguns caminhos ao longo da mesma e, por isso foi estabelecido como Objetivo Geral: Analisar os limites fronteiriços entre a liberdade de expressão e a intolerância religiosa no filme “A primeira tentação de Cristo, assim como também foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

(a) Conceituar liberdade de expressão; (b) Conceituar intolerância religiosa. Para que a pesquisa possa atingir os objetivos supracitados, foi necessário também estabelecer uma metodologia que pudesse trazer rigor científico e, sobretudo, garantisse a isenção da pesquisa. Dessa forma, temos uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e descritiva quanto aos seus objetivos. Já em relação aos procedimentos técnicos, a presente pesquisa se constitui a partir de referencial bibliográfico e posterior estudo de caso do filme “A primeira tentação de Cristo” produzido pelo canal Porta dos Fundos e distribuído pela multinacional de streaming, Netflix.

Todos os contextos mencionados no texto contribuem para uma reflexão sobre comportamento social e como o discurso se caracteriza na sociedade, a partir do momento que discutimos onde estão nossas crenças, entendemos que estamos em constante movimento, evolução e é isso que torna a pesquisa importante a nível acadêmico.

2 O HUMOR E A SOCIEDADE

Os tempos avançam e com eles as mudanças também. A tecnologia cria uma sociedade cada vez mais digital e faz com que as pessoas desenvolvam para si filosofias de vida, pensamentos cada dia mais contemporâneos, hábitos que se diferem do outro. E são esses costumes e práticas que produzem linhas de raciocínios cada dia mais particulares e menos semelhantes. Por pensar diferente, age-se diferente e fala-se diferente, e quando uma fala se difere de outra, produzimos na sociedade uma espécie de desnível.

Há muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos. (FOUCAULT, 2006, p. 22)

Tais desnivelamentos carregam pesos diferentes, há pensamentos e discursos que se pretendem chegar mais próximo de uma verdade absoluta e cultural (tradicional), outros parecem abdicar-se de preceitos culturais para tornar-se cada vez mais híbrido (pluralizado), isto é, são vias diferentes, mas embasadas em um único assunto, ou conforme nos mostra Foucault (2006, p. 24), “Uma mesma obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discursos bem distintos”, ou seja, um mesmo texto ou um único pensamento, podem gerar opiniões simultaneamente diferentes. Foucault (2006, p. 37) afirma ainda que: “Nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis, algumas são altamente proibidas, enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala”. Há discursos mais carregados do próprio eu, e estes são mais abertos e permissíveis de se modificarem ou se reinventarem, outros são mais fechados e doutrinados, pois seguem culturais enraizadas em princípios não-negociáveis, o que torna o acesso a qualquer tipo de mudança cada vez mais longe do comum. Estes discursos são mais conhecidos pela sociedade, pois caminham de geração em geração, perduram por anos a sociedade, trazendo e mantendo raízes primitivas, tanto na maneira de pensar, quanto na de enxergar. Para Foucault (2006, p. 39), “Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos, e, em parte também políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”, ou seja, há um sistema e ele coexiste com toda uma cultura criada e mantida no meio social. Não há como negar que alguns discursos não se permitem ser alterados pois estão enraizados e não há luta que resista a doutrina, e elas estão situadas em qualquer esfera, seja religiosa, educacional, política, etc. Foucault (2006, p. 44) complementa que “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

Dentro dos discursos o autor nos mostra uma divisão entre: procedimentos externos e procedimentos internos. No primeiro, o autor define procedimentos externos como limitações impostas pela sociedade em relação ao discurso e apresenta uma divisão, que conta com interdição da palavra, segregação da loucura e vontade de verdade. Na interdição da palavra fala-se sobre direito de palavra e a sua pronúncia em cada circunstância, onde nem todos podem ou tem a autonomia de

falar sobre tudo, existe direito de falar e elas priorizam a quem realmente vive o que está falando, além de que, o autor nos fala que as regiões do discurso que se diz respeito a política e a sexualidade, carregam uma espécie de grades mais cerradas, ou seja, são tabus mais difíceis de se falar. Já na segregação da loucura, apresenta-se uma visão clara sobre o discurso do louco, onde para o autor, o discurso de alguém louco não pode ser transmitido como o dos outros, é visto como diferente e sem importância, mas contrapartida pode obter uma atenção ainda maior.

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, nem podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 2006, p. 10)

Há também nos procedimentos externos, a vontade de verdade, onde o autor nos fala sobre um discurso majoritário e respeitado acima de qualquer outro, um discurso que revela um poder de fala, e que continha força na verdade que se propagava.

O discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era um discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mais contribuía para a sua realização, suscitava adesão dos homens e se tramava assim com o destino. (FOUCAULT, 2006, p. 15)

Diferentemente do que o autor apresenta como procedimentos externos, os procedimentos internos são dos discursos para fora, sem limitações ou definições impostas pela sociedade. Dentro dos procedimentos internos podemos encontrar o comentário, o autor e as disciplinas. Nos comentários fala-se sobre desnivelamento dos discursos, nas disciplinas fala-se sobre a inserção dos discursos em um campo de verdade. Mas o princípio de autoria nos chama atenção pelo fato de o autor especificar que o discurso não está baseado no indivíduo que produz a fala, mas sim que há retalhos e recortes de pensamentos de um autor base, para que se possa produzir um novo discurso, quase sempre carregados da junção de pensamentos e falas que um verdadeiro autor aplica.

Que os discursos possuem raízes distintas, isso já ficou claro com as teorias aplicadas por Foucault, mas estudaremos também quais os tipos de discursos

que causam e provocam tanta divergência. Há aqueles que enxergam a comicidade em tudo, outros, porém não a aplicam em suas ações cotidianas ou até mesmo em seus discursos. Mas a comicidade não está presente em tudo. Para Bergson (2001, p. 7) “Não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível”. Não existe motivo segundo o autor para criar cenários cômicos para o que não é, é o caso de rir de uma paisagem que é carregada de beleza, por exemplo. E os questionamentos do autor continuam quando mais a frente Bergson (2001, p. 23) questiona, “Por que nós rimos de uma cabeleira que passou do castanho ao ruivo? Onde vem a comicidade de um nariz rubicundo? E por que se ri de um tipo racial diferente do nosso?”, existem coisas que devem ser neutralizadas do sistema cômico. Não deveríamos achar engraçado o fato de alguém ter um tipo racial diferente do nosso, ou sua aparência não seguir nossos padrões, mas há uma persistência na sociedade em visionar comicidade naquilo que é diferente.

A interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase é fonte inesgotável de efeitos engraçados. Há muitos meios de obter a interferência, isto é, de dar à mesma frase duas significações independentes e que se superpõem. O menos apreciável desses meios é o trocadilho. No trocadilho, é de fato a mesma frase que parece apresentar dois sentidos independentes, mas apenas aparentemente. (BERGSON, 2001, p. 58)

São dois sentidos para o mesmo discurso, e muitas vezes um deles vem carregado de enigmas que levam a incompreensão da parte do outro, de não entender ou até mesmo não aceitar tais falas, independente da comicidade que elas provocam. Determinados assuntos, questões ou situações, possuem um outro cunho, e muitas vezes este cunho exige um grau maior de seriedade. Bergson (2001, p. 67) afirma, “Mostrem-me um defeito por mais leve que seja: se me for apresentado de modo a comover minha simpatia, ou meu temor, ou minha piedade, acabou-se, já não há mais como rir dele”. É preciso entender que alguns discursos, por mais que pareçam familiar para alguns, soam como um corpo estranho para outros. Bergson (2001, p. 71) ainda diz que “Se deixamos de lado, na pessoa humana, o que interessa à nossa sensibilidade, e consegue nos comover, o resto poderá converter-se em cômico, e o cômico estará na razão direta da parte de rigidez que aí se manifeste”. Já dizia então o autor, não há como rir daquilo que é significativo. A linha tênue entre um e outro, é achar o meio termo que provoque a comicidade sem ofender ou agredir o outro. Bergson (2001), deixa claro ao leitor que onde há sensibilidade não há comicidade, e

vice-versa. No âmbito que se diz respeito a sociedade, estamos carregados do nosso próprio eu, e caminhamos constantemente tentando ferir o que o autor menciona sobre rir daquilo que é significativo para o outro.

No livro *Vigiar e punir*, é possível observar uma ligação direta com o que falamos até aqui:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 2001b, p. 143)

Quando as forças estão ligadas, elas multiplicam ao invés de reduzir, discursos interligados uns nos outros, por mais diferentes que sejam, podem se multiplicar ainda mais. Foucault (2006, p. 13) diz: “O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é certa atenção constantemente desperta, que vislumbre os contornos da situação presente, e também certa elasticidade de corpo e de espírito, que permitem, adaptar-nos a ela”. Adaptação e elasticidade, ambas características citadas pelo autor, que em composição, vigoram um novo método de discursar na sociedade. Há uma expectativa (quase sempre frustrada) pela sociedade em esperar do outro, aquilo que julgam correto, a partir de seus princípios e de seus próprios olhares, ou seja, aquilo que não lhes é diferente.

2.1 LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Outro ponto a se sustentar nesta tese é como a sociedade lida com o embasar da liberdade de expressão. Cada dia mais este termo tem se proliferado visto que a sociedade tem buscado a cada dia o seu direito de voz e liberdade para ser e fazer o que sente vontade. Para Lima (2017), a liberdade de expressão corresponde a um direito humano fundamental e na internet uma ferramenta extraordinária. É fato que a liberdade de se expressar sofreu uma grande ascensão com o avanço da tecnologia, e hoje com o poder da internet em mãos, falar o que se quer e onde se quer, tornou-se ainda mais simples. A produção de informação aumentou, e as

versões dessas informações também aumentaram, é possível ver uma única informação ser articulada e deferida por diferentes meios e pessoas. Nunca antes uma informação chegou ao seu destino tão imediato. Wolton (2015, p. 6) diz que “Nunca teve tanta tecnologia para se produzir informação. Se você pensar na história da comunicação quanto mais tecnologia mais diversidade de informação, mas não, quanto mais tecnologia, mais a mesma informação vai para todos os lugares”. A tecnologia avançou e com ela, a produção de informação também e essa espécie de comunicação são as palavras proferidas a uma sociedade receptora. Ainda para Wolton (2015), a comunicação é o discurso, são as palavras, é o modo de ver, é a dimensão humana. Porém, com o aumento gradativo das comunicações e a multiplicação das informações, crescem também em forma gradativa a liberdade em comunicar, e essa liberdade instiga sobre quem comunica o desejo de ir cada vez mais longe, acessando o ponto ápice do que chamamos de liberdade de expressão.

Em 07 de Janeiro de 2015, o jornal satírico Charlie Hebdo³, da França, foi alvo de um ataque terrorista após usar da liberdade de expressão que haviam crido ter para publicar uma charge em que manifestavam de forma satírica em uma de suas edições uma piada contra líderes islâmicos, inclusive Maomé. Diante deste quadro, levantou-se questões sociais sobre até onde tem-se a liberdade para opinar e manifestar suas ideias, ainda que sejam um tanto quanto conceituais. Imediatamente após o ocorrido, personalidades da mídia, celebridades e políticos levantaram uma bandeira a favor do direito de expressar-se e do ato de interdição a liberdade de expressão que sofreram os colunistas de Charlie Hebdo.

Essa é a radicalização da democracia, é a liberdade por tudo e para todos, seja pela religião, seja pela política, seja pela comunicação, seja no poder ético. Não se pode interditar a liberdade de expressão, mesmo se não gostar do que foi dito. Esse é o arranjo político de Charlie Hebdo. Por isso que o mundo inteiro se manifestou, porque muitos países viram que o que se passou na França diz respeito à liberdade de expressão do mundo inteiro. (WOLTON, 2015, p. 4)

O cenário do massacre ao Charlie Hebdo foi catastrófico, mas a partir dele, foram levantadas na sociedade diversas versões de fatos, falados anteriormente

³ Charlie Hebdo é um Jornal satírico Francês que foi vítima de um atentado terrorista provocado pelo Estado Islâmico que atingiu o Jornal em 7 de janeiro de 2015, em Paris, resultando em doze pessoas mortas e cinco feridas gravemente.

sobre quem tinha razão diante do enredo como um todo. É evidente que o terrorismo em si está descartado como um ato correto, mas o que vamos evidenciar agora é o direito a liberdade de expressão do jornal *versus* o resultado ofensivo causado ao estado islâmico.

Quando se fala em liberdade, fala-se liberdade de. Ora, a avaliação da legitimação da liberdade depende do que virá depois dessa preposição. Por exemplo, temos a liberdade de gostar de determinada canção e não de outra, mas não temos a liberdade de ferir, humilhar ou matar nossos desafetos. (LA TAILLE, 2014, p. 83)

Wolton (2015, p. 3) também nos mostra que “para os Europeus, é necessário conservar a liberdade de expressão e evitar represália da parte do terrorismo. A questão política, por exemplo, na Europa, é garantir, manter e preservar a liberdade de expressão, evitando represália”. Parece que talvez, os europeus tenham aprendido a lição de que para expressar seus pontos de vista, não é necessário agredir ou ofender ao outro ou aquilo que este acredita, e segundo Wolton (2015), hoje para os Europeus há um maior cuidado para lidar com alguns assuntos, não que se fez necessário abster-se da liberdade de expressão, mas sim conduzir a forma de expressar essa liberdade para que não hajam represálias pois o que há entre a informação e a comunicação é uma diferença entre mensagem e a relação, isso é, é a questão do outro, de aceitar e respeitar o outro. Mas, Charlie Hebdo é somente um entre vários casos em que vemos a liberdade de expressão sofrer represálias por atingir um patamar de descontentamento para o leitor. Com o avanço da internet, citado anteriormente, vemos diariamente nas redes opiniões carregadas de liberdade sofrerem represália por não agradar ao outro. Lima (2017, p. 10) afirma que “Obviamente, os blogs são somente uma forma de liberdade de expressão e manifestação de opinião na internet, sendo que os conflitos nas redes sociais devem ser em número muito maior”, o que o autor quis dizer é que se hoje blogs, jornais, revistas são apenas uma das formas de manifestar a liberdade de expressão na internet, o poder maior e talvez os maiores conflitos estejam mesmo é nas redes sociais, então se um jornal foi atingido por uma manifestação contra um grupo, o que fariam com cidadãos comum que manifestam-se publicamente e livremente em suas redes sociais caso tivessem o conhecimento do teor de suas manifestações? Eis a questão aí, de até onde sofre-se represália e até onde faz-se necessário manifestar opiniões particulares a respeito de causas que muitas vezes não se tem a propriedade ou como citado no início deste tópico, direito de voz, direito de fala. La Taille (2014, p

185) diz que “a liberdade de expressão e, logo, de crítica (como qualquer tipo de liberdade, aliás) é garantida moral e juridicamente e, com tanto que o respeito pela dignidade da pessoa alvo da crítica seja preservado”. Dito isto, podemos entender que somos livres para criticar mas não para escolher toda e qualquer crítica que bem quisermos.

2.1.1 O HUMOR E A LIBERDADE

Um dos pontos mais altos que a sociedade atual busca garantir sua liberdade de opinião e manifestação é o humor. As piadas em geral, agradam e/ou desagradam quem as ouve ou as lê, mas a questão em si, é saber se o caminho a trilhar é o da manifestação de piadas que outrora ridicularizam ou depreciam para sustentar o direito de rir, ou o ato de rir não cabe e nem assina este tipo de comportamento.

A razoável diferença entre rir de algum sucesso ou de alguma boa notícia, em uma situação prazerosa - situações de pura alegria nas quais nenhum sentimento negativo está presente -, e rir das desgraças alheias, o que revela, no mínimo, uma mistura de alegria e raiva ou desprezo. (LA TAILLE, 2014, p 16)

Rir de algo que traga boas notícias e situações de prazer não parecem conter nem mesmo carregar sentimentos negativos consigo, porém rir de desgraças alheias nos revela que por trás de uma evidente alegria, há também sentimentos negativos como a raiva e o desprezo. A partir disto, o autor nos apresenta uma significativa do nome que se dá a tal ato, chamado de humor de zombaria, que também pode ser considerado humor negro, conhecido na sociedade por ser caracterizado de piadas a loiras, homossexuais, pessoas gordas e classes inferiores e reprimidas, que caminham cada dia mais em busca do seu direito de voz. Este humor de zombaria, na qual o autor menciona, ridiculariza seu alvo, gerando um desconforto a “vítima” do enredo. La Taille (2014, p 67) diz que “o humor de zombaria é aquele que ridiculariza seu objeto ao identificar a ausência de algumas virtudes nos homens em geral ou numa pessoa em particular”.

São três tipos de humor de zombaria, o primeiro deles o autor nos conta sobre um humor de zombaria nas esferas privadas, aquela famigerada gozação entre amigos. O segundo fala sobre defeitos particulares do ser humano, como zombar da vaidade, inteligência, afetação de outra pessoa. O último é um humor que zomba de uma celebridade ou uma personalidade, como um presidente ou uma figura pública. Particularmente este foi o usado pelo jornal Charlie Hebdo algumas poucas horas antes do atentado terrorista. La Taille (2014, p. 74) diz que “Em todos os casos de humor de zombaria, ri-se de alguém (real ou não), pois esse alguém é apresentado como ridículo”. Há ridicularidade em grande parte de piadas de cunho humor negro, e portanto, há em contrapartida, do lado oposto, um receptor profundamente descontente com a mensagem proposta.

“Portanto, o humor de zombaria desvaloriza o seu objeto, e quem dele ri considera-se, mesmo que momentaneamente, superior a ele. Digo momentaneamente porque quem ri da burrice de uma personagem de comédia não necessariamente considera a si mesmo como expoente intelectual, assim como quem ri de uma piada sobre vaidade não precisa se ver como admiravelmente humilde. Todavia, no momento do riso, quem ri percebe e entende o traço ridículo que o humor apresenta e, portanto, está numa posição de superioridade, posição esta que fica reforçada pelo ato de rir”. (LA TAILLE, 2014, p. 68)

Rir nos parece algo tão inocente, mas vemos claramente, que quando este riso se torna ofensivo para o outro, provoca nele um sentimento negativo, como aconteceu no atentado ao jornal Charlie Hebdo. O autor continua nos dizendo que rir de alguém não deixa de ser uma forma de insulto, pois o ato de rir, pode carregar por si só uma intenção de humilhar a sua “vítima”, ou acompanhar outros sistemas de humilhar que contenham tais intenções. Talvez, o jornal europeu Charlie Hebdo não produziam a charge com maldade ou com intensa ofender o grupo islâmico, mas de certa forma, onde temos um ofendido ou ridicularizado, temos ali também um problema, por mais que aparentemente fosse apenas uma simples forma de proliferar a liberdade de expressão, e não cabe a esta tese discernir as reais intenções, visto que meios de comunicação exalam a liberdade de opinar e se manifestar, há em um paralelo um grupo visivelmente ridicularizado e ofendido com uma declaração que agride de perto o que para eles é sagrado.

Porém, o fato de não haver intenção de humilhar não deve nos fazer esquecer que pessoas do grupo escolhido como objeto de piadas podem, sim, se sentir humilhadas. Se ficarmos apenas com essa possibilidade, deveremos afirmar que não é legítimo o direito de rir de piadas de zombaria que recaem sobre grupos, pois existe o risco de alguém se sentir humilhado. Costuma ser esse o critério usado daqueles que aderem o politicamente correto: como

portugueses, belgas, irlandeses, homossexuais, pessoas feias, ou qualquer outro grupo são ridicularizados pelas piadas a elas dedicadas, tais piadas são necessariamente de mau gosto e não deveriam ser veiculadas, pois além de humilhar as pessoas concernidas, reforçam os preconceitos que elas sofrem. (LA TAILLE, 2014, p 196).

A humilhação muitas vezes não está no emissor, mas sim no receptor da mensagem que por hora, sente-se ofendido com a mensagem recebida e pode de eventuais maneiras reagir a elas, muitas vezes negativamente, exatamente de mesmo modo que a recebeu.

2.1.1.1 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Definir a palavra religião hoje não é tão fácil quanto aparenta ser, visto que estamos inseridos em uma sociedade com uma ampla pluralidade de religiões. Segundo Souza e Ficagna (2016, p 58) “Sabe-se que não é fácil abordar o tema religião nos dias de hoje devido às diversidades e as peculiaridades expostas por cada uma, gerando também uma grande dificuldade em conceituá-la”. A grande diversidade nas religiões provoca na sociedade uma dificuldade em de fato conceituar religião. “Existem várias conceituações sobre a religião, o que faz desta um fenômeno íntimo de cada ser humano, gerando conflitos em cada teoria exposta”. (SOUZA; FICAGNA, 2016, p 59). Em outras palavras, definir religião pode ser algo particular de cada um, assim como quando opinamos sobre qualquer outro assunto.

A intolerância religiosa também avança em seu crescimento assim como a liberdade de expressão e mesmo asseguradas por códigos penais, por exemplo, a prática da intolerância religiosa ainda continua acontecendo, no Brasil principalmente. É o caso do famoso Chute na Santa⁴, que ficou conhecido em 1995 por se tratar de um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, que após proferir insultos verbais, também provocou insultos físicos naquela a qual os católicos tratam como a padroeira do B, a imagem de Nossa Senhora de Aparecida. Imediatamente o caso gerou forte

⁴ Chute na santa é o termo pelo qual ficou conhecido e pelo qual a população brasileira se refere, ainda hoje, a um episódio controverso ocorrido no dia 12 de outubro de 1995.

repercussão e indignação em grande parte da sociedade Brasileira. E casos assim, talvez ocorram diariamente longe das câmeras ou dos olhares humanos.

Os terreiros de Umbanda por exemplo, crescem seus números de ataques a cada dia, e estima-se que a cada 15 horas, uma queixa de discriminação por motivo religioso é registrada no país, a maioria contra credos afro-brasileiros, entre os estados brasileiros, Rio de Janeiro sai na frente com o maior número de ataques a religião. Em agosto do ano passado, por exemplo, oito traficantes cariocas foram presos por ataques a terreiros de Candomblé, em Duque de Caxias.

No Brasil, o país se constitui baseado na laicidade⁵ (igreja enquanto Estado Laico), porém respeitando sempre o pluralismo e a diversidade de todas as matrizes religiosas. Vale ressaltar que a legislação brasileira possui normas jurídicas que visam punir a intolerância religiosa. A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, por exemplo, considera crime a prática de discriminação e preconceito contra as religiões. No artigo de número 20, considera-se crime praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Segundo também o artigo 208 do Código Penal Brasileiro, Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso geram pena de até um ano de prisão.

Mesmo asseguradas por leis, religiões ainda enfrentam seus preconceitos, e seja o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo, ou mesmo, religiões afro-brasileiras, entre outras, todas enfrentam suas lutas diárias com práticas de intolerância religiosa em suas crenças.

As religiões afro-brasileiras têm sofrido ataques sistemáticos e não conseguiram consolidar ainda uma identidade positiva, apesar do avanço da legislação protetiva das liberdades nos últimos anos. Diante de tudo isso, é possível inclusive considerar que o Poder Judiciário brasileiro não tem feito a devida reflexão sobre a importância simbólica do “precedente” firmado no HC nº 82.424-5/RS no que tange ao combate à discriminação racial contra as minorias étnicas e religiosas derivadas de povos traficados do continente africano para servirem como objetos nos campos de concentração brasileiros: as senzalas. (SILVA;SEREJO, 2017, p 249)

Segundo os autores, as religiões afro-brasileiras sofrem com ataques de outras religiões, entretanto no caso das protestantes, muitas vezes os ataques vem

⁵ Laicidade é a doutrina ou sistema que preconiza a exclusão das Igrejas do exercício do poder político e/ou administrativo.

daqueles que não possuem nenhuma religião relativamente declarada e a zombaria é uma das alternativas usadas como forma de ataque. Em contrapartida ao ato de intolerância, se faz necessário que os grandes líderes religiosos incitem a prática da tolerância religiosa, que tem por base o respeito e a paz entre toda e qualquer religião.

A tolerância religiosa exige que cultos diferentes convivam entre si. Assim cada um defenderá sua verdade, mas é de suma importância que a escolha dos demais seja tolerada, ou seja, todos os adeptos religiosos, independentemente da religião que for, tem por obrigação pregar a tolerância religiosa, ao ponto que ninguém possa perseguir outrem por motivos religiosos. (SOUZA; FICAGNA, 2016, p 69.)

Ninguém é obrigado a concordar com as práticas e doutrinas de nenhuma religião e é por isso que a liberdade de expressão existe para reforçar ainda mais este conceito. Porém, ainda agregado a liberdade de se expressar, opinar e discordar de algo voltado a círculos religiosos ou não, deve-se existir o respeito. Nenhuma opinião deve ser dada de forma agressiva, como alternativa a ferir outra religião, deve-se ter a obrigação de tolerar, mesmo que não se concorde, mas manter o respeito sem perseguir, agredir ou ridicularizar um religioso e sua religião.

3 ANÁLISE DOS DADOS

O objeto que se busca analisar neste artigo é o especial de Natal “A primeira tentação de Cristo”, um filme da produtora de vídeos Porta dos Fundos, lançado em dezembro de 2019, na plataforma Netflix. O Porta dos Fundos é uma produtora de vídeos de comédia veiculados na internet, mais precisamente, no YouTube. O canal de vídeos foi fundado em 2012 e se consolida até o momento como um dos maiores canais de humor da internet em todo mundo, com mais de 16 milhões de inscritos.

O Especial de Natal, que é o referido objeto analisado, foi lançado em 2019 e mostra o ator Gregório Duvivier representando o personagem de Jesus Cristo em um relacionamento homoafetivo com o personagem de Fábio Porchat. É possível ver também um afastamento da figura de Deus e Maria da imagem clássica que se faz a respeito dessas personagens, pois na representação fílmica que ora se analisa, há

uma relação mais íntima, diga-se até mesmo carnal, diferente da amplamente difundida pelas religiões cristãs com relação às figuras de Deus e Maria, pois os personagens representados mantêm uma relação mais íntima que a idealizada pelas religiões.

Antes mesmo de iniciar o filme, lança-se sobre a tela uma cena de aviso prévio com a seguinte informação: “Sátira que envolve valores caros e sagrados da fé cristã”, e isso nos mostra duas ideias sobre uma única ação, uma que nos mostra uma consciência da parte da produtora, dos responsáveis, dos atores e de toda a equipe de produção sobre o valor do assunto a qual irão abordar, na qual é tido como sagrado por muitas pessoas e outra uma decisão de alertar aos cristãos e simpatizantes da fé, para não assistirem ao filme, pois o conteúdo, conforme evidenciado pela própria produtora, pode ferir e/ou abalar seus princípios. Aí entra o que Foucault (2006) fala sobre uma mesma obra dar lugar a tipos de discursos distintos gerando opiniões diferentes sobre um mesmo fator, ou seja, o objeto em questão, pode dar lugar a dois modos de visão completamente diferentes, um de aprovação e outro de reprovação.

O filme tem um total de aproximadamente 46 minutos, e até os 8 primeiros minutos nada se vê que não seja uma leve e descontraída representação de uma histórica bíblica com um toque de humor, o que muitos outros canais de humor no YouTube já fazem, como o Desconfinados⁶, por exemplo.

Aos 06’:44” o personagem de Deus, representado pelo ator Antonio Tabet aparece em cena e posteriormente aos 08’:01” é chamado de abusado pelo personagem de José, em tom um pouco grosseiro, após uma discussão na qual insinua-se que Deus estava ouvindo conversas escondidas. Percebe-se que mesmo sendo o todo-poderoso, Deus não se importa muito com os insultos, o que leva o expectador a refletir se um comportamento como esse caracteriza um Deus autossuficiente e inabalável ou um Deus que está despreocupado com sua imagem. Diante de fatores como esse, é possível perceber que ainda é cedo e precoce para definir um julgamento da fala, e reitera-se as teses de Foucault (2006) novamente quando se tem aqui dois tipos de pensamentos, ou seja, abre-se a possibilidade para se lançar dois olhares sobre a fala de José, (a) o primeiro olhar entende que pode ter sido ofensivo, justamente por trabalhar com o que o próprio Foucault (2006) apresenta

⁶ Desconfinados é um canal de humor no YouTube que satiriza a vida cristã cotidiana ou histórias bíblicas com uma pegada de humor.

e que chama de Tabu do Objeto, afinal, trata-se de um elemento restrito a um comunidade (a cristã) e que tem nessa construção dogmática um de seus pilares; (b) o outro olhar não vê nada demais, afinal de contas, é humor, mas que, no entanto, permite com que esta visão “passe com o ato mesmo da fala” construindo, de certo modo, uma visão caricaturada de um discurso visto por milhões de pessoas como discurso de autoridade, afinal, advém de um livro considerado sagrado pelos fiéis ao cristianismo. No entanto, um pouco mais a frente, aos 08’:21”, o personagem de José altamente incomodado com a presença de Deus, começa a questionar a perfeição e o poder do criador, Deus quando se depara com a cena em que o personagem de Deus, pintou um quadro da família onde estavam Maria, Jesus, Deus e José. Contudo, José está mais afastado dos demais, pois praticamente Deus acabou deixando José de fora da pintura (ver figura 1), é onde começa as indignações da parte do personagem de José e deixa-se subtendido no filme alguns questionamentos sobre Deus ser imperfeito em suas ações, é o que Bergson (2001) nos mostra ao afirmar que “a interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase é fonte inesgotável de efeitos engraçados, onde o menos engraçado é o trocadilho”, isto é, no trocadilho, uma mesma frase aparenta dar dois sentidos diferentes e independentes, um que fica mais evidente e outro mais camuflado. É possível, assim, perceber uma intenção subjetiva onde Deus não é perfeito como é apresentado nas narrativas bíblicas. Exemplo semelhante ao de Jesus, figura tida como perfeita e santa pela cristãos e aqui, sendo chamado ironicamente de monstro pelo personagem de Lúcifer, até então conhecido por Orlando.

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)⁷.

FIG. 1 – QUADRO PINTADO POR DEUS

⁷ A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” e mostra o personagem de José questionando a perfeição do criador na pintura.



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

Grande parte das mensagens transmitidas no filme são subjetivas e com duplo sentido, com a finalidade de diminuir a agressividade dos discursos apresentados. Após 10 minutos de filme, iniciam-se uma série de exemplos caracterizados com essas subjeções como, por exemplo, aos 12'15" onde o personagem de Orlando fala de forma subtendida que "deu" para o personagem de Jesus, onde tal fala, remete a questões sexuais através de metáforas como essas utilizadas pelo personagem, e mais tarde aos 13'15", após Jesus ser surpreendido por sua mãe para que eles tenham uma conversa, se exalta profundamente e questiona se é crime ter relações e sonhos com os primos. Como também aos 16'08", instante em que Deus insinua que entrou em Maria, um trocadilho para que o expectador entenda que é no coração, onde se tem a ideia construída nas crenças de que Deus habita, mas na realidade o personagem estava induzindo uma espécie de conjunção carnal, entre as partes. La Taille (2014) nos mostra que no Humor de Zombaria, uma espécie de humor que ridiculariza o objeto, ri-se sempre de alguém (real ou não), e esse alguém é apresentado como ridículo, e de acordo com esse autor aquilo que possui sensibilidade de alguma forma, não produz comicidade. Em outras palavras, difamar figuras até então tidas como santas e puras por uma parcela da sociedade produz certa sensibilidade, pois estão ridicularizando o objeto ao qual muitos agregam valor e respeito, que neste caso são Deus, Jesus e Maria, trazendo para eles, uma conotação de impureza e imoralidade. Então, neste caso, não há comicidade para aqueles que creem nas características sacras desses personagens. No entanto, dentro da característica de Humor de Zombaria ao qual o próprio La Taille (2004) nos reporta, pode causar riso e até mesmo fundamentar o objeto como a comédia que se propõe.

O que antes parecia apenas algumas meras insinuações, começam agora a tomar uma forma mais definida e, com isso, começam a aparecer cenas com agressões mais diretas entre os personagens. Já aos 14'37", Deus é chamado por José de "filho da puta", por contar a Jesus que é seu pai antes mesmo do personagem de José, a qual estava decidido a contar ele mesmo. Aos 15'07", Deus fala que até mesmo quando Jesus bate punheta, ele está ao lado dele em uma clara referência à onipresença divina, como creem os cristãos. Aos 16'27", José chama Deus de vagabundo e posteriormente aos 18'12" de cuzão do caralho, inclusive boa parte do filme narra um José extremamente revoltado e competitivo com a figura de Deus, por ser caracterizado como um personagem que possui um alto sentimento de ciúmes da personagem de Maria com Deus, a ponto de insinuar falhas na relação entre ela e Deus. Cabe aqui ainda lançarmos luz ao pensamento de Bergson (2001) onde o teórico afirma que só o que é humano é risível. Ou seja, é necessário tornar Deus em humano para que ele seja risível e isso é o ponto central para o entendimento da comédia em si. No entanto, ao tornar Deus humano há, automaticamente, uma reformulação da narrativa bíblica do nascimento de Cristo. Isto é, com Deus tornado homem, há uma espécie de triângulo amoroso entre ele [Deus], Maria e José. E isto, talvez, seja, um dos pontos mais agressivos à parcela crente no cristianismo, pois Deus perde a sua sacralidade e passa a ser falível, como os homens, - a ter os mesmos sentimentos, as mesmas fraquezas e o coloque em disputa direta com José pelo amor de Maria. Aqui percebe-se que o principal motivo de questionamento quanto à acidez da comédia, se dá pela humanização de Deus, pois tudo o que vem a posteriori é decorrente desta humanização. Humanização esta que foi criada única e exclusivamente para tornar a narrativa em torno de Deus, risível. Conforme se pode perceber na fig. 2:

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)⁸.

FIG. 2 – PERSONAGEM DE JOSÉ XINGANDO O PERSONAGEM DE DEUS

⁸ A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal "A primeira tentação de Cristo" e mostra o personagem de José xingando o personagem de Deus.



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

Aos 20'32" o personagem de Lúcifer, ainda representado por Orlando, canta uma música que fala da história da criação, porém dotada de ironia como figura de linguagem dominante e em tom provocador, afinal considera a hipótese de que toda as histórias cristãs, sejam falsas. Em um país majoritariamente cristão, essa hipótese pode chocar a maioria dos telespectadores, embora também existam ateus e praticantes de outras crenças que podem não entender como provocativo, mas sim como uma forma que o humor encontra para romper os comentários, ou seja, discursos que passam com o ato mesmo da fala, cujo filósofo Foucault (2004) nos apresenta. Leia as estrofes da música abaixo:

*Deus é muito bom, criou o mundo em sete dias
E um tempo depois, afogou as suas crias, ain!
Criou Adão e Eva, que transaram entre si
Se só tinha uma família, como é que tamo aqui? Hey!
Não pensemos nos detalhes, tem é que ter fé
Deus é todo poderoso, não fala lé com crê, oh!
Jesus Cristo, o seu filho é sensacional
No deserto pude ver o tamanho do seu (poder)*

Música retirada do filme: "A primeira tentação de Cristo", da produtora Porta dos Fundos.

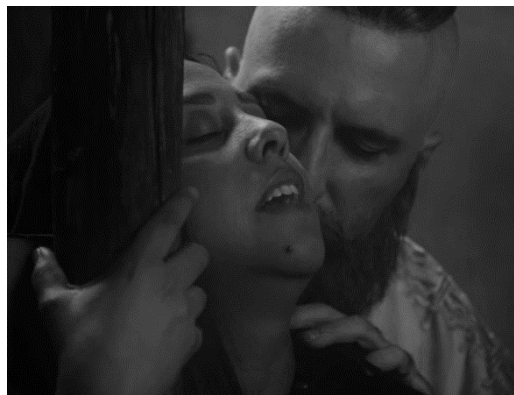
É possível visualizar uma presença de questionamentos sobre a criação, segundo a fé cristã, e que conota uma espécie de sarcasmo sobre a história contada pela cultura do cristianismo.

Outra figura que merece um olhar mais atento nesta análise é a personagem de Maria, figura de extrema importância e valor para o catolicismo, que começa a ter a sua sacralidade desconstruída nas cenas de 24'18", 26'09" e 27'26". A saber:

Aos 24':18", aparece a personagem de Maria se escondendo para poder fumar e, após ser pega por Deus com um cigarro na boca, apaga-o e tenta fugir de Deus, mas acaba sendo assediada por ele. Novamente, o que se percebe aqui é uma humanização de uma relação que, segundo o cristianismo, se dá em nível espiritual, ratificando assim a ideia de Bergson (2001). Aos 26'09", o personagem de Deus diz que Maria está "fodendo" a cabeça dele e que está maluco "pra caralho", enquanto continua a assediando, conforme fig. 4. Aqui pode-se abrir uma leitura foucaultiana (2004) a partir da perspectiva de que a interdição de alguns discursos promovem e conjugam poderes e perigos e trazem também consigo, ainda que de maneira superficial, relações assediosas, não de Deus com Maria como aparenta ser, mas sim uma metáfora do masculino e feminino, ou seja, uma relação machista patriarcal, onde o homem exerce o poder sobre a mulher, neste caso, representada por Deus e Maria.

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)⁹.

FIG. 3 – PERSONAGEM DE MARIA SENDO ASSEDIADA PELO PERSONAGEM DE DEUS



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

Silva e Serejo (2017) já haviam mencionado sobre perseguições a outros tipos de religião que não fossem os evangélicos, as religiões afro-brasileiras, que tem seus terreiros queimados por outras pessoas que não concordam com suas práticas, e como já mencionado neste artigo, o ato de não concordar é um direito de cada indivíduo, mas respeitar é um dever. Vale lembrar que para Souza e Ficagna (2016), a tolerância religiosa exige que cultos diferentes convivam entre si. Assim, cada um

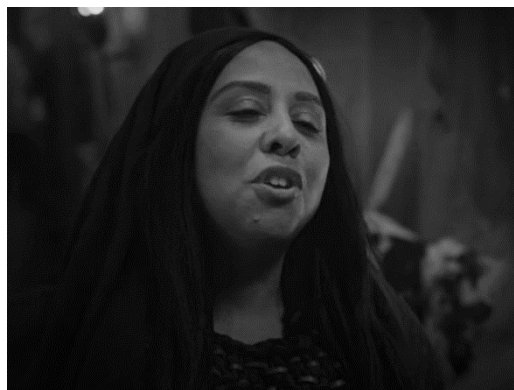
⁹ A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal "A primeira tentação de Cristo" e mostra a personagem de Maria sendo assediada pelo personagem de Deus.

defenderá sua verdade, mas é de suma importância que a escolha dos demais seja tolerada.

Aos 27'26", já passada mais da metade do filme, as cenas continuam afastando as figuras de Deus, Jesus e Maria das representações trazidas na bíblia cristã. Desta vez, a personagem de Maria sente-se afrontada por Orlando (Lúcifer) e revida as provocações dele dizendo: "cocotinha é o teu cu", mostrando assim uma representação sagrada utilizando-se para isto de linguagem pouco convencional. O que, para Foucault (2004), termina por atribuir um discurso interdito, como é o caso do sexual, a alguém a quem não é permitido utilizá-lo, sobretudo, utilizando-se de termos chulos que tampouco podem ser proferidos no cotidiano da fala. Por isso, a cena choca tanto aos cristãos quanto os não cristãos, uma vez que a interdição do discurso não encontra barreiras ideológicas e/ou religiosas para se manifestar.

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)¹⁰.

FIG. 4 – PERSONAGEM DE MARIA AFRONTANDO O PERSONAGEM ORLANDO



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

É interessante trazer à luz que aos 28'40", Jesus é levado para uma outra dimensão e tem um encontro pessoal e direto com outros deuses, como, por exemplo, buda e sheeva (Fig. 6). É onde, aos 29'40", os personagens deuses em conversa com Jesus mencionam o Deus Alá, apontando para o nada e dizendo que ele está lá, essa é a única referência ao deus presente no filme, e fica assim subtendido que o Deus Alá não foi mencionado para evitar, talvez, que aconteça algo parecido com o que aconteceu com a revista francesa Charlie Hebdo, uma vez que as leis muçulmanas

¹⁰ A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal "A primeira tentação de Cristo" e mostra a personagem de Maria afrontando o personagem de Orlando (Lúcifer).

impedem que Alá seja representado em formas humanas. Dificultando assim, uma humanização do mesmo, distanciando-o de representações humorísticas e, desta maneira, corroborando o pensamento de Bergson (2001) em que o mesmo afirma que só o que é humano é passivo de riso.

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)¹¹.

FIG. 5 – PERSONAGEM DE JESUS CONHECENDO OUTROS DEUSES



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

Até o final do filme, ao longo de mais 17 minutos ainda é possível perceber uma série de trocadilhos, dos já mencionado por Bergson (2001) que provocam um duplo sentido, ou seja, uma mesma mensagem por exemplo prova sentidos que se diferem, insinuações de que Jesus “come quieto”, e que com ele é “até a última gota”, a qual possuem um sentido metafórico para maquiar expressões com conotação sexual, pois entre uma expressão e outra, temos uma linha tênue entre a crítica e a agressão, visto que a expressão “come quieto” insinua é sigiloso em suas práticas e até a última gota faz referência a práticas sexuais e exemplos de discursos como esses que possuem um duplo sentido, são ditos como trocadilhos.

A última cena analisada é o confronto final, onde Jesus volta depois de estar sumido por uma semana e se depara com Lúcifer sendo batizado como o novo filho de Deus. Quando o personagem de Orlando se revela como Lúcifer, Jesus fica desolado e decepcionado, é onde se inicia uma série de afirmações que antes eram apenas insinuações ao longo de todo o filme, a homoafetividade de Jesus. Após um

¹¹ A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” e mostra o personagem de Jesus conhecendo outros deuses.

confronto direto com Deus, Lúcifer vence a batalha e profere as seguintes palavras: “agora acabou a era de Deus, seu filho que vai ter que assumir”, Jesus se manifesta prontamente dizendo que só vai assumir quando, e em um ato de continuar a frase, é cortado por Lúcifer que não deixa ele concluir o que começou a dizer, ou seja, uma forma literária de interdição, como se Jesus não pudesse falar e os espectadores já vem recebendo dicas ao longo do filme. Aos 35’30”, após Jesus receber um poder, Lúcifer zomba dele (Fig. 7) falando “*hmm toda menininha ela*”, o que deixa ainda mais conotativo e ainda mais presente no filme a figura homossexual de Jesus. O que pode chocar devido ao fato de alguns segmentos cristãos não adotarem a homossexualidade como prática permitida, ou seja, o que o Foucault trata como Tabu do Objeto. Diz-se tabu dada a sua característica discursiva e perpetuada ao longo dos tempos, até mesmo, porque alguns segmentos cristãos não enxergam problema em relações homoafetivas. No entanto, o problema maior aqui é a sexualidade de Jesus evidenciada, pois isso o afasta da sacralidade que lhe é atribuída e o aproxima de sua carnalidade, de sua humanidade, colocando-o assim como elemento de riso, como nos apresentou Bergson (2001).

Veja, a seguir, um exemplo com [figura e nota de rodapé](#)¹².

FIG. 6 – AFIRMAÇÕES DE JESUS COMO HOMOSSEXUAL



Fonte: A primeira tentação de Cristo (PORTA DOS FUNDOS, 2019)

¹² A figura modelo foi retirada do filme Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” e mostra o personagem de Jesus sendo tido como homossexual por Lúcifer.

4 CONCLUSÕES

É evidente que para tudo na vida existem conceitos e que, fatos e fatores, promovem diferentes opiniões, e essa divergência se aplica a todos os objetos existentes nas esferas da sociedade. Analisar os limites fronteiriços entre a liberdade de expressão e a intolerância religiosa utilizando como objeto um filme onde a representação cristã é entrelaçada ao humor, se mostra um grande desafio, sobretudo, para este pesquisador - como de fato, o foi.

Este estudo provocou reflexões sobre a sociedade, os limites do humor, a radicalização do cristianismo, e a interpretação da cultura cristã segundo olhares divergentes, nas quais nos mostraram que todas as coisas, sendo elas com cunho cristão ou não, podem provocar duas, ou mais reações, mas nunca teremos uma exatidão como resposta e, dessa forma, apresentou que os objetivos da pesquisa foram alcançados.

Para chegar a uma conclusão foi preciso lançar vários olhares sobre o universo da pesquisa e um deles foi entender que no que tange o objeto escolhido, há sim uma linha tênue entre o que se entende por agressão e por crítica. Não cabe aqui, ao pesquisador, avaliar as intenções propostas pela produtora do filme, em questão, mas sim, os reflexos e resultados que este provocou em uma sociedade majoritariamente cristã, mas que também possui vozes dissonantes, ou seja, opiniões divergentes ao conservadorismo.

Diante de muitos fatores estudados neste presente artigo, conclui-se, com base em autores, que não é possível rir daquilo que não é humano, então para atrelar as histórias bíblicas com figuras consideradas sagradas, foi necessário que a produtora humanizasse os personagens como Deus, Jesus e Maria (figuras sagradas e caras ao cristianismo) para, assim, provocar risos aos espectadores. O que, de certa forma, termina por gerar certa indignação em alguns segmentos cristãos, sobretudo, por humanizar estes personagens e, com isso, humorizar os mesmos. Até mesmo porque a estrutura basilar da fé cristã pressupõe uma aura sobre-humana, sagrada, a estas figuras e humaniza-las é tirar a sacralidade, jogando-os, dessa forma, em uma vala comum – ferindo assim, a base do cristianismo que é a fé nestes elementos sacrossantos.

Dessa forma, este artigo cumpre o seu papel à medida em que conclui que os resultados apresentados variam muito da ótica de quem assiste ao objeto. Com isso, dada a exiguidade do tempo e, sobretudo, aos limites do método selecionado para a realização da mesma, alguns questionamentos ficaram suspensos como, por exemplo, *se no filme há uma presença maior de crítica à sociedade ou apenas a banalização da fé cristã?* – pesquisa que pode ser tecida à luz da comunicação comparada e/ou outros recortes teóricos a serem detalhados a *posteriori*. Vale ressaltar aqui é que, este, como outros questionamentos, pretendo continuar em uma pesquisa mais aprofundada, quem sabe em uma pós-graduação - seja em nível de *latu sensu* ou até mesmo de *stricto sensu*.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14. ed São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis. Vozes, 1987.

LIMA, W. C. A liberdade de expressão como novo direito da sociedade em rede: limites em casos envolvendo blogs no poder judiciário brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2017, Santa Maria/RS. **Anais do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede...** Santa Maria: UFSM, 2017. p. 1-16. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/3-6.pdf>
Acesso em: 20 Mar. 2020.

SILVA, A. S; SEREJO, J. A. M. **A intolerância religiosa contra as religiões Afro-brasileiras e os impactos jurídicos do caso “Edir Macedo”**. Revista Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito PPGDir./UFRGS, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 230-256, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ppgdir/article/view/72817/43858>
Acesso em: 01 Abr. 2020.

SOUZA, G. M; FICAGNA, L. R. D. **Do preconceito à intolerância religiosa**. Revista EDUC, Duque de Caxias, v. 03, n. 2, p. 54-74, Dez 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf
Acesso em: 01 Abr. 2020.

WOLTON, Dominique. **A liberdade de expressão e o *Charlie Hebdo***. Revista de Psicologia, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 9-16, jan/jun de 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Dominique-Wolton.pdf>
Acesso em: 20 Mar. 2020.

LA TAILLE, Yvis de. **Humor e tristeza: o direito de rir**. Campinas: Papirus, 2014.